



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15931 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 06 - Educação Popular

UMA PANDEMIA COM COR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMBATENDO O RACISMO ENTRE TELAS DE CELULARES NA COVID-19
 Maria de Fátima Rodrigues Viana Machado - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

UMA PANDEMIA COM COR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMBATENDO O RACISMO ENTRE TELAS DE CELULARES NA COVID-19

O presente trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado, elaborada e defendida durante a pandemia e a pós pandemia da Covid-19 (2020-2023), que teve como objetivo central investigar percursos tecnológicos construído por uma professora de uma escola de Educação Infantil pública e popular, localizada na periferia urbana de um município da região serrana do estado do Rio de Janeiro com o foco específico sobre uma turma composta por 22 crianças de 5 anos, pretas e não pretas, participantes de atividades remotas propostas por uma professora das infâncias, principalmente durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19 (2020/2021).

Metodologicamente, o trabalho adota uma abordagem qualitativa e procedimentos participativos (Minayo, 1994; Serpa, 2010). Utilizamos grupos virtuais de interação por meio do aplicativo WhatsApp com reuniões online com as crianças e suas famílias para garantir contatos mínimos e compartilhar, mesmo que inicialmente de forma tímida, histórias, músicas, brincadeiras, esperanças, saudades, jogos corporais e informações sobre a pandemia e sobretudo, partilhar o cotidiano doméstico e nossas incertezas, buscando construir algum tipo de *presença na ausência* e tentando fortalecer os princípios pedagógicos das interações e brincadeiras, conforme os pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010).

Assim, ao considerar a escola como um território possível de reinvenção de histórias e memórias dos grupos subalternizados, bem como as diferentes disputas territoriais que

permeiam a formação das cidades brasileiras, como a formação social de uma cidade serrana como Teresópolis, especialmente em função da colonização e do “apagamento” territorial e ideológico da presença física de indígenas e pretos escravizados e libertos no país, surge a indagação se o currículo de uma instituição que se declara antirracista não poderia contribuir para as lutas pelo espaço urbano, garantindo o direito de todos e todas à cidade? (Tavares, 2003). Não seria fundamental que a escola das infâncias pudesse ser também um lugar de histórias e memórias?

Ao considerarmos a educação como uma prática libertadora, nos ancoramos na metáfora do *trem da história*, levando em conta que o conhecimento viaja em diferentes trilhos, e que cabe à escola assegurar que os vagões precisam ser preenchidos por outras compreensões epistemológicas sobre as estações e paisagens (Freire, 1976). Desta forma, pensar a escola pública como um território de resistência cultural e política nos exige o compromisso democrático com uma educação emancipatória e antirracista (hooks, 2017). Levando em conta a realidade da classe popular e os contextos sociais e territoriais nos quais essas pessoas viveram e ainda vivem, especialmente diante do histórico abandono por parte do poder público na proteção de seus direitos sociais, notadamente das crianças pretas de minha turma, como elas se encontravam?

No contexto pandêmico inicial, em linhas gerais, a precariedade do cotidiano vivenciado por grande parte das famílias e das crianças matriculadas em nossa escola, colocava em xeque a aplicação das determinações sanitárias da Organização Mundial de saúde (OMS). Além disso, para agravar as condições e qualidade de vida na cidade, o Estado do Rio de Janeiro apresentava um dos piores índices de acesso a saneamento básico, ao passo que, no ranking das cidades com piores condições de saneamento básico do Brasil cinco cidades do Estado estão entre as piores do país, todas concentradas na região metropolitana do Rio de Janeiro (Brasil de Fato, 2022).

Assim, pensar a questão *da pandemia com cor* na Educação Infantil como um processo de combate ao racismo entre telas de celulares se faz necessário a partir do trabalho com a minha turma de Educação Infantil em plena pandemia da Covid-19, compreendo que: “A nossa existência é feita de coleções de experiências, de vivências e de imagens” (Nóvoa, 2022, p.18). Por isso, fiz de tudo para que esse vínculo permanecesse estável, que pudéssemos ter uma regularidade de encontros remotos. Sendo assim, criei um *avatar de uma professora preta*, uma imagem gráfica minha, como professora da turma, no aplicativo Bitmoji, com a intencionalidade pedagógica de acompanhar as crianças e suas famílias nas atividades virtuais, além de dar recados, lembrando os nossos “combinados” à turma.

Dessa forma, o avatar foi uma “estratégia docente” visando manter as crianças interessadas no contato cotidiano, motivando-as em seu aprendizado. Nesse contexto, utilizar o avatar como ferramenta interativa me deixou mais motivada a dialogar e ouvir as crianças em um período tão desafiador que estávamos vivendo. Percebi ser uma ideia aceita e viável para todo o corpo docente da escola! Além disso, dentro da estrutura racista brasileira, da qual

as crianças pretas também fazem parte, movimentar uma imagem positiva de uma professora preta, potente e criativa, pôde contribuir para a autoimagem das crianças, sendo um divisor de paradigma. Como nos faz refletir Souza (1983, p.17), “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”.

Ser uma professora preta que sabe da importância da Lei 10.639/03 é estar constantemente refletindo sobre o seu compromisso com as infâncias e a luta antirracista entendendo isso como uma necessidade ética e política em uma sociedade tão desigual e complexa como a nossa. Portanto, como professora preta e antirracista fui me (re)construindo com *pequenos começos*, pequenos sorrisos, pequenos gestos e grandes reflexões construídas com/junto aos sujeitos crianças, sobretudo no período pandêmico, no qual a *cruel pedagogia do Vírus* com o seu potencial de morte rondava especialmente a população pobre, preta e favelada no país (Santos, 2020). E a nossa bandeira de luta era sobre – viver!

Palavras-chave: Pandemia da Covid-19; Crianças pretas; Escola das Infâncias; Educação Antirracista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) 2010*. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2010.

BRASIL DE FATO. *Baixada Fluminense tem os piores índices de saneamento dos 100 maiores municípios do Brasil*. Brasil de Fato: Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2022/03/22/baixada-fluminense-tem-os-piores-indices-de-saneamento-dos-100-maiores-municipios-do-brasil>

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1976.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antonio, *Escolas e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Porto: Edições Almedina, 2020.

SERPA, Andreia. *Quem são os outros na/da avaliação? Caminhos possíveis para uma prática dialógica*. 2010. (Doutorado em educação). UFF: Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Os pequenos e a cidade: o papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã* (Doutorado em educação). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.